

Seminário *Encontro de Saberes* **(Resenha)**

Entre os dias 9 a 11 de maio de 2012, foi realizado na UNILA o Seminário *Encontro de Saberes*. Dele participaram professores e professoras dos cursos de Antropologia, Letras, História, Sociologia e Cinema, além de outras, como a ex-pró-reitora de Graduação da UNILA, Dra. Maria Adélia Souza, e o Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada (professor visitante sênior). As professoras doutoras sênior Alai Diniz e Mireya Suárez participaram como organizadoras do evento. O Seminário *Encontro de Saberes* teve como principal finalidade discutir o futuro da Pós-Graduação do Instituto de Cultura, Arte e História da UNILA, tendo como eixo central discussões sobre outros saberes, inclusão, diversidade, interculturalidade e interdisciplinaridade. Esteve presente, como convidado especial, o pesquisador José Jorge de Carvalho, da Universidade de Brasília.

Conforme a professora Senilde Guanaes, coordenadora do curso de Antropologia e uma das responsáveis pelo evento, “a UNILA deve privilegiar um debate que seja plural, atualizado e, sempre que possível, revisado pela experiência daqueles que já cruzaram, ou estão cruzando, o caminho que atravessamos agora: o da construção de uma universidade que se pretende inclusiva, coletiva e latino-americana”, explicou¹. O Seminário foi organizado pelo curso de Antropologia e a PRPPG, com o apoio dos professores e professoras das áreas de História e Letras da UNILA.

O Prof. Dr. José Jorge de Carvalho² foi um dos responsáveis pela criação e implementação da política de cotas para afro-descendentes e indígenas na Universidade de Brasília, inspirando várias outras instituições públicas de ensino, e segue trabalhando com políticas inclusivas no campo da ciência e da academia. Escreveu vários livros e artigos sobre o papel e os desafios da Antropologia contemporânea, sobre a dimensão política da universidade e da própria ciência e sobre relações raciais no Brasil e demais países da América Latina, entre outras temáticas como etnomusicologia, artes,

¹Entrevista à professora Dra. Senilde Guanaes. In: <http://unila.edu.br/noticia/encontro-saberes> Consulta em 20/05/2012.

²É doutor em Antropologia Social pela The Queen's University of Belfast; pós-doutor pela Rice University e pela University of Florida. Atualmente é Professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UNB), Pesquisador 1-A do CNPq e Coordenador do Instituto Nacional de Ciência, Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, do Ministério de Ciência e Tecnologia

religiosidade e cultura popular³.

O professor Carvalho focalizou sua exposição nos estudos culturais, interculturais e interdisciplinares. Partiu do fato de que a Universidade brasileira, entre outras da América Latina e da Europa, perderam sua espiritualidade para dar passagem à racionalidade, como se esta se sentisse ameaçada pela primeira. Nesse sentido, várias universidades equatorianas romperam com esse esquema, para dar passo à interculturalidade em sala de aula e nos meios docente e discente, substituindo o modelo europeu de universidade baseado apenas na razão. Para conseguir esse escopo, a universidade deve ser inclusiva, de acordo com o professor Carvalho. Não sem dificuldade, pois estudos por ele realizados no final dos anos de 1990 mostraram que 99% dos professores universitários brasileiros eram brancos; não havia sequer um professor indígena, e numa amostra de quase 20.000 professores, existiam apenas 70 negros. “Chegamos a uma conclusão que ainda me estarrece: a UnB, que havia sido inaugurada em 1961 com pouco mais de duzentos professores e que, ao longo de quatro décadas, havia ampliado esse número para 1.500, conta com apenas 15 professores negros⁴. Fato catalogado como de exclusão racial nas universidades públicas do país, segundo Carvalho.

Esta realidade poderia mudar incluindo essas pessoas na educação superior, mediante políticas diferenciadas para setores negros e índios, como forma de acesso à universidade – processo conhecido como sistema de cotas para negros e indígenas na UNB e outras universidades do Brasil. Esse tipo de trabalho já desencadeou a árdua luta do professor Carvalho e de outros colegas do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Na medida que a universidade se torna inclusiva, ela vivenciará um processo de interculturalidade, que tornaria os modelos explicativos ou teóricos mutantes, dando passo a uma maior interdisciplinaridade, à medida em que outros saberes viriam ao encontro dos velhos conhecimentos e das racionalidades de ordem ocidental.

Nesse processo de inclusão de outros saberes na academia, o professor Carvalho tem longa trajetória, especialmente através de suas experiências inclusivas na UnB. Desde meados da década passada se desenvolveram encontros, seminários, congressos,

³Ver: <http://unila.edu.br/noticia/encontro-saberes> Consulta em 20/05/2012.

⁴Sobre o assunto, pode se consultar CARVALHO, José Jorge. “O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro”. In: *Revista USP*. São Paulo, número 68, pp. 88-103, dezembro-fevereiro de 2005-2006.

visando à aproximação de outro tipo de conhecimento, onde os mestres da cultura popular unem suas experiências com os saberes dos professores universitários. Índios, excelentes arquitetos do bambu, por exemplo, expõem suas experiências frente a alunos e professores do Curso de Arquitetura da UnB. Eventos desse tipo têm acontecido em Brasília, desde 2005, promovidos também pelo Ministério da Cultura, em parceria com as universidades⁵. Foi mencionada, pela professora Danielle Araújo, do Curso de Antropologia da UNILA, a experiência do governo do Estado do Ceará, que desenvolve esse tipo de evento desde antes da experiência da Universidade de Brasília, onde os mestres da cultura popular, de diferentes regiões desse Estado, dão a conhecer os seus saberes tradicionais e/ou científicos frente às comunidades acadêmicas cearense e geral. Pessoalmente, tive a oportunidade de conhecer um grande mestre da cultura tradicional popular cearense na região do Cariri, na cidade de Nova Olinda, ao Sul do estado: Espedito Veloso de Carvalho, cujo nome artístico é Espedito Seleiro, artesão em couro, como reza seu diploma pendurado na parede da sua oficina, emitido em 2008 pelo Governo do Estado do Ceará⁶. Para o último dia do Seminário, o professor Carvalho convidou a pajé Maria Luisa, do Paraguai, que compartilhou conosco um pouco de sua cultura, de sua arte, de seus saberes.

Depois da realização do Seminário aqui resenhado, fluem as perguntas: como mudar o panorama decadente das universidades públicas? Vivenciamos o grave problema da decadência dos saberes ocidentais, mas não gostamos de enfrentar e aceitar a realidade. Como levar a cabo o projeto de uma universidade inclusiva, quando essas instituições obedeceram sempre às expectativas capitalistas, sistema em decadência junto a sua parceira com a Universidade? Queremos incluir os novos saberes; outras realidades, outras pessoas, mas não estamos dispostos a deixar do lado o status que esses saberes ocidentais representam, o que nos tem levado a construir *pirâmides de prestígio*, como diria o professor Carvalho⁷.

⁵*Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. Brasília, 23 a 26 de fevereiro de 2005. Brasília, 14 a 17 de setembro de 2006. Brasília: Ministério da Cultura/São Paulo: Instituto Polis, 2006 (segunda edição), 183 pp. Também *I Encontro Sul-Americano das Culturas Populares. II Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. Brasília: Instituto Polis/Brasília: Ministério da Cultura,

⁶No uso de suas atribuições legais e com base na Lei dos Tesouros Vivos da Cultura (Lei 13.842 de 27 de novembro de 2006).

⁷CARVALHO, José Jorge. “Culturas populares: contra a pirâmide de prestígios e por ações afirmativas”. IN: *Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares*. Brasília, 23 a 26 de fevereiro de 2005. Brasília, 14 a 17 de setembro de 2006. Brasília: Ministério da Cultura/São Paulo: Instituto Polis, 2006 (segunda edição), p. 34.

Frente aos outros saberes, estamos prontos para reviver constantemente o fogo da tradição? Ou para apagar de uma vez o que pensamos que resta dela? Foi o socialista francês Jean Jaurés, diz José Ribamar Bessa Freire, que “escreveu algo muito bonito, *Preservar a tradição não é conservar as cinzas, é soprar a brasa, é vigiar para que o fogo continue aceso, iluminando. Da tradição, do passado, nós devemos nos apoderar do fogo, não da cinza*⁸. Faremos isso, ou então brincaremos de *encontro de saberes* e faremos de conta que incluímos, que vivemos numa interculturalidade porque convivemos com alunos e professores de vários lugares da América Latina? A Universidade intercultural e interdisciplinar deve lutar contra os pré-conceitos para poder instalar um novo projeto de Universidade: inclusiva, que já não mais seja racista, homofóbica, baseada no modelo eurocêntrico paternalista, machista, monogâmico e racional.

O Seminário *Encontro de Saberes* deixou-me animado – pelas perspectivas que criou nas pessoas que pela primeira vez estavam escutando de universidade inclusiva, intercultural e interdisciplinar – mas também deixou-me preocupado quando fiz leituras sobre falas, gestos, sentires, olhares e sensibilidades dos ali presentes. Pensei, baseado na presença da pajé Maria Luisa, se muitos acadêmicos não encaram esse tipo de projeto como uma cruzada para trazer o “bom selvagem” à civilização universitária, retirando dele o que para as instituições de ensino superior vale a pena, e depois dar por concluída a parceria. Parceiros considerados bons, enquanto olhados com perplexidade, com compaixão, com piedade: bons porque nos oferecem seus saberes, sua amizade, sua paz, sua calma. Ainda no Brasil consideram-se os indígenas como exóticos, como corpos alheios e não como uma extensão de nós mesmos. Nossa parte mestiça não percebe que somos da mesma espécie, da mesma essência; filhos da mesma terra. Olhando para os índios, para os negros, para os pobres, para os gays, pode criar-se uma impressão de compaixão da parte desses 99% de professores brancos; pela condição de explorados, segregados racial e socialmente, pela condição de minoria, embora os negros sejam a maioria neste país.

Um projeto de inclusão deve realizar-se num clima propício, de entendimento, de conhecimento profundo sobre aqueles que se está pensando incluir, para não vivenciar novamente a era do “bom selvagem”. Não nos permitamos cair numa nova

⁸BESSA FREIRE, José Ribamar. “O Rio Negro e sua Universidade”. In: *TAQUI PRA TI*, 22/05/2010. Disponível in: <http://www.taquiprati.com.br/home/apresenta-cronica.php?cronica=cronica09-08-2009>Consulta em 22/05/2012.

negação, porque então, se não acontecer uma transformação no pensamento do homem chamado de ocidental, a era do Quinto Sol, em que vivemos há mais de 5000 anos, entrará numa nova fase; e aí, qualquer coisa poderá acontecer. Lembremo-nos de que a natureza, os animais, as plantas, os objetos e os “outros”, que manipulam *outros saberes*, são extensões de nós mesmos. Segue, a partir daí, o grande desafio da fundação de um programa de Pós-Graduação do Instituto de Cultura, Arte e História da UNILA, cuja vocação deve ser a integração, a inclusão, a interdisciplinaridade e a interculturalidade.

Gerson Galo Ledezma Meneses (UNILA)